

DOIS

# Da aldeia para o quadro de honra da ONU

□ Davi Kopenawa recebe o prêmio Global 500 da ONU e adverte os fazendeiros que estão tomando as terras dos yanomamis: "Para o índio não existem cercas". Jimmy Carter e o movimento Greenpeace também ganharam o prêmio da ONU

Cláudio Ferreira

O índio Davi Kopenawa Yanomami consumiu algumas horas da manhã de ontem dentro de uma sala carpetada, no primeiro andar do edifício-sede da Organização das Nações Unidas em Brasília. Cercado de microfones, holofotes de televisão, jornalistas e muitas pessoas vestidas de terno e gravata, estava nitidamente deslocado, mas também alegre. E para demonstrar essa alegria pintou o rosto com urucum diante das câmeras. Tinha o pensamento voltado para seus irmãos que vivem na Amazônia, e veio a Brasília por eles: o Prêmio Global 500, distribuído pela ONU a quem se destaca, no mundo inteiro, na luta pela preservação do meio ambiente, acabava de lhe ser entregue.

"Este prêmio não é para guardar na parede, é para guardar no coração", disse Davi, exibindo o certificado, redigido em inglês, e o botão que recebeu das mãos do representante do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Eduardo Gutierrez. Usando cocar e brincos de penas de pássaros e um colar de coço, adornos tradicionais Yanomami, camisa vermelha e calça bege, Davi garantiu que não tem medo de morrer, apesar de ameaçado pelos latifundiários e garimpeiros, e apesar do exemplo do caso Chico Mendes, assassinado em Xapuri depois de ter recebido o mesmo prêmio em 87.

— Os fazendeiros estão tomando nossas terras, proibindo de caçar e andar na mata, mas para nós essa proibição não existe, porque para o índio não existem cercas — afirmou Davi Kopenawa, com forte sotaque. Ele está lutando pela demarcação da área indígena de forma contínua, e não em "ilhas" separadas e isoladas, como está sendo feita. "Aqui na cidade todo terreno é cercado, mas lá é diferente. É preciso demarcar uma área que fique só para os índios", afirmou Davi.

Escuro — Davi Kopenawa disse que o Governo brasileiro precisa ajudar a resolver o problema, "porque só assim os índios vão ficar em paz". Acredita que o prêmio da ONU vai ajudar a "preservar o mato, a floresta, os rios, igarapés, peixes, animais", e pediu a ajuda das pessoas que assistiam à cerimônia — cerca de 200: "Vocês são poderosos e estão do meu lado. Vão ajudar bastante", disse. "Os brancos do Acre estão no escuro, só enxergam coisas dos brancos e não vêem os índios."

Davi lembrou ainda que "quando o branco descobriu o Brasil o índio já estava aqui", e que "para o Brasil ficar forte temos que defender a natureza e o povo indígena", ouvido pelo presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita, e pelo senador Severo Gomes (PSDB-SP). E prometeu seguir em frente com sua luta.

Ameaças — "Todos achavam que Chico Mendes não seria assassinado depois de receber reconhecimento internacional, mas quem o matou o fez para provar que pode matar qualquer um", afirmou o agrônomo Gumercindo Clóvis Garcia Rodrigues, assessor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, ele próprio também ameaçado de morte. "O que eles querem é derrubar o movimento dos trabalhadores rurais, e a polícia só mostrou incompetência, quando precisou agir", disse.

Gumercindo responsabiliza a União Democrática Ruralista — UDR — pela morte de Chico Mendes e outros assassinatos por questões de terra. "O fazendeiro Darly Alves, acusado, que está preso, não tem estrutura para manter 30 pistoleiros a seu serviço. Quem tem que descobrir quem financia essas mortes é a Justiça".

BETH MUNHOZ



DAVID KOPENAWA

Rosto pintado com urucum: um sinal da alegria pelo prêmio Global 500 da ONU

Ele diz que os assassinos estão dormindo e comendo em fazendas que oferecem proteção, porque "é impossível sobreviver na mata durante tanto tempo, do jeito que está chovendo". Segundo ele, os seringueiros têm condições de pagar os assassinos, "mas só se a polícia não for junto". Os seringueiros, afirmou Gumercindo, querem trazer os criminosos vivos, mas não confiam na polícia.

O nome de Chico Mendes, assassinado a 22 de dezembro, foi várias vezes lembrado durante a cerimônia de entrega do Global 500 a Davi Kopenawa. Ele foi um dos 100 nomes de todo o mundo citados pelo prêmio em 1987, assim como Davi se juntou a outros 97 em 1988. O Global 500 vai

relacionar, até 1991, cerca de 500 nomes de pessoas e entidades de todo o mundo na preservação do meio ambiente.

"Davi representa a luta da comunidade indígena", afirmou Eduardo Gutierrez. "Agora ele faz parte do quadro de honra da ONU". Com ele, condecorados em 1988, estão o movimento Greenpeace, da Inglaterra, o Conselho da Defesa de Recursos Naturais, dos Estados Unidos, a Associação de Conservação da Ilha de Dominica, além do ex-presidente norte-americano Jimmy Carter, que propôs a mais ampla legislação ambiental em seu país. Nenhum deles recebeu prêmio em dinheiro, mas apenas um certificado e um pequeno botão.